

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE QUILOMBOLA NO QUILOMBO SACO DAS ALMAS EM BREJO-MA

Josenildo Campos Brussio

Dacileia Lima Ferreira

RESUMO

O presente artigo aborda o processo de construção da identidade quilombola no Quilombo Saco das Almas a partir do trabalho desenvolvido pela Pastoral Afro-Brasileira. Como referencial teórico, utilizamos autores como Giddens, Hall e Bauman. Trata-se de uma pesquisa realizada em duas etapas: na primeira, um estudo bibliográfico sobre o tema; na segunda, uma pesquisa de campo com a coleta de dados com aplicação de questionários aos moradores do quilombo. Assim, apresentaremos os diferentes conceitos de identidade, o conceito de identidade quilombola e, por fim, os resultados da pesquisa de campo no quilombo Saco das Almas.

Palavras-chave: Pastoral Afro-brasileira, quilombo, identidade

ABSTRACT

This article deals with the process of building the quilombola identity in Quilombo Saco das Almas, based on the work developed by the Afro-Brazilian Pastoral. As theoretical reference, we use authors such as Giddens, Hall and Bauman. It is a research carried out in two stages: in the first, a bibliographic study on the theme; in the second, a field research with data collection with application of questionnaires to quilombo residents. Thus, we will present the different concepts of identity, the concept of quilombola identity and, finally, the results of field research in quilombo Saco das Almas.

Keywords: Afro-Brazilian pastoral, quilombo, identity

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa discutir o processo de construção da identidade a partir dos resultados de uma pesquisa de campo realizada no Quilombo Saco das Almas no ano de 2016, acompanhando o trabalho desenvolvido pela Pastoral Afro-Brasileira. Esta pesquisa de campo faz parte da construção da monografia intitulada “Memória e identidade na Vila das Almas: um estudo sobre a Pastoral Afro-Brasileira no Quilombo Saco das Almas em Brejo-MA”, de uma graduanda do último período do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas, do Campus de São Bernardo.

Como se trata de uma pesquisa em andamento, apresentaremos os principais aspectos que norteiam a construção do trabalho monográfico acima mencionado. Por esta razão, dividimos este artigo em três partes: na primeira, falaremos dos conceitos de identidade a partir do referencial teórico escolhido: Antony Giddens (2002), Stuart Hall (2005) e Zigmunt Bauman (2006).

No segundo capítulo, faremos uma construção teórica do conceito de identidade quilombola, levando em consideração os conceitos esboçados no primeiro capítulo e a relação com os conceitos de quilombo e quilombola.

No terceiro capítulo, abordaremos os resultados incipientes da coleta de dados da pesquisa monográfica em relação à “identidade quilombola” no quilombo Saco das Almas e a presença da Pastoral Afro-brasileira do Baixo Parnaíba Maranhense na comunidade, bem como, sua atuação na construção da identidade quilombola. Por fim, apresentaremos as nossas considerações finais deste momento da pesquisa.

1 IDENTIDADE: CONCEITOS E TEORIAS

Uma das temáticas mais debatidas na contemporaneidade tem sido o conceito de identidade. A complexidade da vida humana, as diferentes noções de sujeito e subjetividade, as diferentes formas de pensar, agir, sentir e existir o(n) mundo tornam o processo de construção da identidade algo bem mais “complexo” do que se imagina.

No dizer de Bauman (o homem da liquidez), “a identidade é um monte de problemas, e não uma campanha de tema único” (BAUMAN, 2005, p. 18). Para o sociólogo, existem dois tipos de “comunidades” (às quais as identidades se referem como sendo as entidades que as definem): as primeiras são as comunidades de vida e de destino – as que “vivem juntos numa ligação absoluta”; as segundas são as “fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios”. É nestas últimas que a questão da identidade emerge, devido ao fato de existir mais de uma ideia para evocar e manter unida a “comunidade fundida por ideias” a que se é exposto em nosso mundo de diversidades e policultural (BAUMAN, 2005, p. 18).

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (BAUMAN, 2005, p. 17)

Dessa maneira, a noção de pertencimento, muito defendida por Bauman, antecipa o conceito de “identidade cultural” na tese de Stuart Hall (2006), visto que este sociólogo jamaicano apresenta o conceito do que denomina “identidades culturais” como aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais.

O autor entende que as condições atuais da sociedade estão “fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (HALL, 2006, p. 9). Tais transformações estão alterando as identidades pessoais, influenciando a ideia de sujeito integrado que temos de nós próprios: “Esta perda de sentido de si estável é chamada, algumas vezes, de duplo deslocamento ou descentração do sujeito” (HALL, 2006, p. 9).

Esse duplo deslocamento, que corresponde à descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos, é o que resulta em “crise de identidade”. Daí, a importância do conceito de diversidade para a compreensão das propostas dos estudiosos sobre a identidade. Quando Stuart Hall nos indaga: “O que está acontecendo à identidade cultural na modernidade tardia? Especificamente, como as identidades culturais nacionais estão sendo afetadas ou deslocadas pelo processo de globalização?” (HALL, 2006, p. 47), encontramos-nos diante de uma rede de significações das representações culturais nacionais que causam uma situação de “pertencimento” do indivíduo àquela ideia de nação, que não o encerra simplesmente à condição de cidadão de uma nação, mas que participa da ideia de nação tal como representada em sua cultural nacional.

Mas, acima de tudo, mesmo diante da diversidade de identidades culturais possíveis decorrentes do processo de globalização, Hall entende que uma cultura nacional deve ser entendida como uma “comunidade imaginada”, na qual se condensam três conceitos: as memórias do passado, o desejo por viver em conjunto e a perpetuação da herança (HALL, 2006, p. 47).

Na mesma esteira dos autores supracitados, para Anthony Giddens (2003), em uma sociedade tradicional, a identidade social dos indivíduos é limitada pela própria tradição, pelo parentesco, pela localidade. A modernidade, caracterizada como uma ordem pós-tradicional, ao romper com as práticas e preceitos preestabelecidos, enfatiza o cultivo das potencialidades individuais, oferecendo ao indivíduo uma identidade “móvel”, mutável. É, nesse sentido, que, na modernidade, o “eu” torna-se, cada vez mais, um projeto reflexivo,

pois aonde não existe mais a referência da tradição, descortina-se, para o indivíduo, um mundo de diversidade, de possibilidades abertas, de escolhas. O indivíduo passa a ser responsável por si mesmo e o planejamento estratégico da vida assume especial importância. Em seu livro, *Modernidade e identidade*, o autor analisa justamente a transformação na concepção de identidade a partir do rompimento com uma ordem dita tradicional.

Quando trazemos estes conceitos para o nosso objeto de estudo, temos maior clareza da complexidade que é o reconhecimento de uma identidade quilombola para a comunidade Vila das Almas, no Quilombo Saco das Almas, em Brejo/MA. Por isso, discutiremos a seguir um pouco mais sobre este “novo” conceito.

2 IDENTIDADE QUILOMBOLA: UM NOVO CONCEITO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

No capítulo anterior, detivemo-nos em abordar os diferentes conceitos de identidade, fazendo um aporte teórico dos autores mais citados na contemporaneidade a respeito do tema. Tivemos a intenção apenas de suscitar o debate, visto que encerrar o conceito de identidade em uma frase ou ideia seria o mesmo que reduzir-lhe a capacidade explicativa ou postulatória do seu sentido.

Quando nascemos e crescemos a noção de identidade para cada um de nós fica restrita aos números que a vida civil nos confere, desde a Certidão de Nascimento, substituída em seguida pelo RG (Registro Civil), ao CPF (Certificado de Pessoa Física) e o Título de Eleitor. Para os homens, a partir dos 18 (dezoito) anos a Carteira de Reservista ou Certidão Militar. Todos esses documentos obrigatórios possuem números ou codificações que nos “identificam”, nos “diferenciam” no ambiente social, deixam claro que ninguém é igual a ninguém, e nem pode ser igual a ninguém, portanto, temos a nossa própria identidade, que nos diferencia uns dos outros.

Ultimamente em nossas pesquisas, temos lido muito a expressão “identidade quilombola”, mas ainda não encontramos uma construção teórica sobre tal conceito. Por esta razão, apontaremos alguns trabalhos que trazem à tona este debate para fundamentarmos a nossa pesquisa.

Uma vez que já nos desnudamos no primeiro capítulo sobre os conceitos de identidade, caber-nos-ia agora relacioná-los ao adjetivo “quilombola”. Para isso, faz-se necessário abarcar a construção social do termo na herança histórica do próprio conceito de quilombo. Em 1740, reportando-se ao rei de Portugal, o Conselho Ultramarino valeu-se da

seguinte definição de quilombo: “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele”. Esta caracterização descritiva perpetuou-se como definição clássica do conceito em questão e influenciou uma geração de estudiosos da temática quilombola até meados dos anos 70, como Artur Ramos (1953) e Edson Carneiro (1957). Evidentemente, os pesquisadores buscaram conferir um tempo histórico passado da existência dos quilombos na época da escravidão como negação do sistema escravista, aparecendo como espaços de resistência e de isolamento da população negra.

Dentro de uma visão ampliada, que considera as diversas origens e histórias destes grupos, uma denominação também possível para estes agrupamentos identificados como remanescentes de quilombo seria a de “terras de preto”, ou “território negro”, tal como é utilizada por vários autores⁵⁹, que enfatizam a sua condição de coletividade camponesa, definida pelo compartilhamento de um território e de uma identidade.

Vê-se dessa forma que o conceito de quilombola surge da noção de territorialidade, ou seja, propriedades rurais de negros deram origem aos quilombos de hoje. Assim surge o entendimento da identidade quilombola, construída a partir da necessidade de lutar pela terra ao longo da história de posse e existência nela. A identidade quilombola, até então um corpo estranho para estas comunidades rurais negras, passa a significar uma complexa arma nesta batalha desigual pela sobrevivência material e simbólica.

O acesso à terra é garantido “pela via hereditária, isto quer dizer que alguém tem direito virtual de ‘dono’ sobre a terra não simplesmente porque é um indivíduo, mas porque o é enquanto filho e herdeiro. Na definição da herança igualitária, assim, está imbricada uma definição estrita das relações de parentesco, seguindo o critério prioritário da filiação” (PAOLIELO, 1998, p. 158).

Portanto, não se deve imaginar que estes grupos camponeses negros tenham resistido em suas terras até os dias de hoje porque ficaram isolados, à margem da sociedade. Pelo contrário, sempre se relacionaram intensa e assimetricamente com a sociedade brasileira, resistindo a várias formas de violência para permanecer em seus territórios ou, ao menos, em parte deles.

Sem dúvida, a Constituição Federal de 1988 foi crucial para o surgimento do Decreto 4.887/2003 que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades

⁵⁹ Ver Almeida (1999) e Gusmão (1995).

dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Lembremos que no início de 2003 já sido sancionada a Lei 10.639/03, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".

Desde então, os territórios de negros ou comunidades quilombolas têm ganhado maior atenção por parte de pesquisadores e estudiosos do tema, daí o surgimento de novos conceitos como o de identidade quilombola. Passemos agora a ver como a construção desta(s) identidade(s) quilombola(s) se dá no quilombo Saco das Almas em Brejo/MA

3 O QUILOMBO SACO DAS ALMAS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE QUILOMBOLA

O Quilombo Saco das Almas, em Brejo/MA, já vem travando a sua luta pela posse da terra há mais de 20 (vinte) anos. Segundo o Iterma, o Saco das Almas tem 23.103 hectares de terra. Elas foram desapropriadas em 1975 pelo Incra que dividiu as 8 comunidades⁶⁰ em 262 lotes: os maiores (com 300, 500, 700 hectares) [...].

Sabe-se que muitas comunidades quilombolas maranhenses têm lutado, ao longo dos últimos anos, pelo seu reconhecimento e pela posse e titularidade de suas terras. A luta das comunidades remanescentes de quilombos tem sido marcada pela resistência, seja contra os latifundiários especuladores, seja contra o próprio poder público que lhes dificulta a (re) conquista de seus territórios e, neste contexto de lutas, surgem identidades políticas, culturais, sociais, nestas comunidades, à medida que lutam por seus territórios ancestrais.

Nessa luta pela territorialização, identidades são (re) criadas, (re) inventadas, pelas práticas (políticas, culturais, sociais) carregadas de representações simbólicas que traduzem a ancestralidade culturalmente transmitida geração após geração nestes territórios. “A invenção de identidades político-culturais é recorrente nas sociedades modernas, ela acontece sempre que determinado grupo põe-se em movimento para reivindicar o que lhe essencial. No caso das comunidades quilombolas: a terra” (SILVA, 2012, p. 1).

Realizamos uma pesquisa de campo no Quilombo Saco das Almas no ano de 2016, acompanhando o trabalho desenvolvido pela Pastoral Afro-Brasileira. Esta pesquisa

⁶⁰ O Quilombo Saco das Almas é constituído de oito comunidades quilombolas: **Vila das almas, Vila Crioli, São Raimundo, (Brejo), Santa Cruz, Barroco (Buriti), São José e Pitombeiras. Sendo que atualmente, a comunidade Santa Cruz solicitou emancipação do grupo, constituindo assim uma comunidade independente.**

de campo faz parte da construção da monografia da graduanda Dacileia Lima Ferreira, do último período do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas, do Campus de São Bernardo, intitulada “Memória e identidade na Vila das Almas: um estudo sobre a Pastoral Afro-Brasileira no Quilombo Saco das Almas m Brejo-MA”.

O objetivo geral da pesquisa é caracterizar, analisar e compreender as identidades quilombolas que afloram no cotidiano da realidade social do Quilombo Saco das Almas, bem como, perceber as contribuições e resultados dos trabalhos realizados pela Pastoral Afro-brasileira nesta comunidade.

Daí, fizemos a aplicação de questionários a 60 famílias do quilombo, 10 em cada uma das seis comunidades que compõem o Saco das Almas. Utilizamos o questionário fechado com cinco questões para resposta “sim” ou “não” e justificativas. Na primeira questão “Você se considera quilombola?”, 95 % dos entrevistados responderam que “sim”, ao passo que 5 % disseram que “não”. O mais interessante foi quando tiveram que justificar porque se consideram quilombolas. Surgiram diferentes justificativas: “porque moro no quilombo” (Nº 06)⁶¹, “porque desde que me entendo gente sou daqui do quilombo” (Nº 16), “porque aqui tem muita história de dor e sofrimento, muito sangue derramado” (Nº 25). Este quesito demonstrou-nos que a autodeclaração de se considerar quilombola já é um passo positivo na construção da identidade quilombola da comunidade.

Na segunda questão “Você conhece a Pastoral Afro-brasileira”, 51,6% dos entrevistados responderam que “sim”, ao passo que 48,4% disseram que “não”. Neste quesito, buscamos captar a atuação e presença da Pastoral Afro-brasileira no quilombo a fim de perceber o quanto as atividades desenvolvidas pela Pastoral têm contribuído para a construção da identidade quilombola. Daí, surge a terceira questão “Você acha que o trabalho realizado pela Pastoral Afro-brasileira tem contribuído para a construção de uma identidade quilombola?”, quesito que apresentou 51,6% das respostas “sim” e 48,4% das respostas “não”, corroborando a nossa tese de que o trabalho realizado pela Pastoral afro-brasileira tem sido essencial nesta luta para a construção de uma identidade quilombola nestas comunidades, visto que este quesito apresentou a mesma porcentagem da questão anterior, ou seja, todos que conheciam o trabalho da Pastoral concordaram que realiza um trabalho de construção desta identidade.

⁶¹ Optamos por numerar os questionários por ordem de análise e não de aplicação. Uma vez que foram aplicados simultaneamente em comunidades distintas, começamos a numerá-los pela ordem que se apresentaram na pilha de papéis. Assim estabelecemos uma ordem de classificação numérica para preservar a identidade dos participantes em respeito ao Código de Ética da ABA (Associação Brasileira de Antropologia).

Na quarta questão, perguntamos se “as lideranças do quilombo realizam algum trabalho de conscientização sobre o que é ser quilombola”. 74% dos participantes disseram que “sim”, ao passo que 26 % disseram que “não”. Estatística que corroborou com uma entrevista feita a uma das Coordenadoras da Pastoral Afro-Brasileira de Brejo, a Irmã Ângela, que afirmou que os líderes da comunidade eram convidados a participar das reuniões em Brejo/MA, onde eram trabalhos os subsídios (cartilhas de orientação) da Pastoral. Pelas repostas a este quesito, percebe-se que os líderes tinham o papel de repassar estes aprendizados para a comunidade. Por isso, a Pastoral organizava as atividades de culminância que envolviam todas as comunidades do quilombo. Tivemos a oportunidade de participar e acompanhar umas dessas culminâncias.

Por fim, a última questão tem relação com esta atividade de culminância: “Você participou da culminância das atividades da Pastoral Afro-brasileira no dia 14 de maio de 2016?” 51,6% dos entrevistados disseram que sim e 48,4% disseram que “não”. Essa porcentagem ratifica que somente aqueles que conheciam o trabalho da Pastoral participaram efetivamente das atividades. Ainda assim, ficou evidente a contribuição da Pastoral na construção da identidade quilombola. A partir da observação, pudemos ver como a comunidade trabalha de forma coletiva, pois a ornamentação se dá com a utilização de objetos e utensílios típicos da região, como uma forma de valorização da sua cultura. Por isso, os objetos utilizados na ornamentação eram adquiridos por meio de empréstimos que vinham das casas dos moradores do quilombo. O momento de ornamentação e organização do ambiente foi bastante importante, pois foi onde conseguimos entender o verdadeiro sentido da palavra “comunidade”, foi possível entender o significado pela qual é denominado comunidade quilombola.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dissemos no início deste trabalho, ele faz parte de uma produção acadêmica ainda em andamento, a monografia intitulada “Memória e identidade na Vila das Almas: um estudo sobre a Pastoral Afro-Brasileira no Quilombo Saco das Almas em Brejo-MA”, de uma graduanda do último período do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas, do Campus de São Bernardo.

Por isso, temos consciência de que são estudos incipientes e que de maneira alguma pretendem esgotar o tema, até por que seria impossível. Em nosso percurso, apresentamos os diferentes conceitos de identidade e propomos uma construção teórica para

o conceito de identidade quilombola. A noção de pertencimento dessa comunidade que vem lutando a gerações para garantir os seus direitos quilombolas ganhou força com o trabalho de construção da identidade quilombola da Pastoral afro-brasileira.

Por fim, apresentamos as análises dos dados coletadas em nossa pesquisa de campo e demonstramos o quanto as atividades desenvolvidas pela Pastoral Afro-brasileira do Parnaíba Maranhense, com sede em Brejo/MA, têm contribuído para a construção da identidade quilombola no quilombo Saco das Almas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A.W. Os quilombos e as novas etnias In: LEITÃO (org.) **Direitos Territoriais das Comunidades Negras Rurais**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.

_____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.

BERGSON, Henri. **Memória e vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade. Lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade** (P. Dentzien, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GUSMÃO, N.M. **Os Direitos dos Remanescentes de Quilombos**. Cultura Vozes, nº 6. São Paulo: Vozes, nov/dez de 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MALIGHETTI, Roberto. 2007. **O quilombo de Frechal: identidade e trabalho de campo em uma comunidade brasileira de remanescentes de escravos**. Tradução Sebastião Moreira Duarte. Brasília: Senado Federal/Conselho Editorial. 268pp.

MUNANGA, Kabengele (org.), **Superando o Racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização Diversidade, 2008.

PAOLIELO, R.M. **Conflitos Fundiários na Baixada do Ribeira: A Posse como Direito e Estratégia de Apropriação**. Campinas. PPGAS/UNICAMP, dissertação de mestrado, 1998.

POLLAK, M. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, v. 5, n. 10, Rio de Janeiro, 1992. p. 200-212.

ROMÃO, Jeruse. **História da Educação do Negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização Diversidade, 2005.

SANT'ANA, Antônio Olímpio. **História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados**. IN: MUNANGA, Kabengele (org.), *Superando o Racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização Diversidade, 2008.

SILVA, Simone Rezende. **Quilombos no Brasil: a memória como forma de reinvenção da identidade e territorialidade negra**. In: XII Colóquio Internacional de Geocrítica. Bogotá: 2012.

SOUZA, Ana Lúcia Silva; CROSO, Camilla. **Igualdade das relações étnico-raciais na escola: possibilidades e desafios para a implementação da Lei 10.639/03**. São Paulo: Editora Peirópolis, 2007.